

O CURSO DE IORUBÁ DO CENTRO DE ESTUDOS AFRO ORIENTAIS (1960)

Luiza Nascimento dos Reis¹

Resumo:

A criação do Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO) na Universidade da Bahia (UBA) em setembro de 1959, articulada pelo português George Agostinho da Silva, previa o ensino de línguas africanas. A investigação da correspondência trocada entre pesquisadores ligados do Centro revelam articulações e expectativas que resultaram no primeiro curso de iorubá oferecido numa universidade a pessoas sem escolaridade e negras, notadamente ligadas a terreiros de Salvador.

Palavras Chave: Centro de Estudos Afro Orientais; Intercâmbio acadêmico; iorubá

O ensino de diferentes línguas para fortalecer o intercâmbio cultural entre Brasil, África e Ásia era o ponto de partida para Agostinho da Silva quando articulou a fundação do CEAO na Universidade da Bahia² em fins de 1959. A ideia de criar uma comunidade luso-brasileira, nutrida por esse filósofo português radicado no Brasil, tinha na língua portuguesa, o primeiro e principal fator de aglutinação. A criação do CEAO, assim como o ensino de línguas africanas no Brasil, foram iniciativas em grande medida decorrentes do IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. Neste evento, realizado em setembro de 1959 na UBA, reuniram-se autoridades e intelectuais portugueses e brasileiros para discutirem “problemas de interesse luso-brasileiro”³. Naquela oportunidade Agostinho da Silva articulava contatos locais, nacionais e internacionais que mais tarde o auxiliariam nas ações propostas pelo CEAO.

O ensino da língua iorubá foi uma ideia surgida no Colóquio que Agostinho da Silva se propôs a articular, como informa em correspondência enviada ao pesquisador Pierre Verger em 16 de setembro de 1959.

Teremos um problema concreto a decidir: foi proposta no Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros a criação na Faculdade de Filosofia do ensino de uma língua africana. A proposta foi aprovada e logo veio a idéia de que se ensinasse iorubá, ficando eu encarregado de promover as gestões sobre o assunto. Seria necessário, para evitar certas intervenções locais que o professor viesse daí mesmo e fosse uma pessoa com bastante conhecimento científico da língua e ao mesmo tempo com títulos que fossem indiscutíveis (...). Gostaria de saber com a possível urgência o que pensa de tudo isso e se haveria alguma possibilidade de já no próximo ano letivo termos aqui esse ensino (...). O mais interessante seria que a pessoa designada para esse ensino tivesse algum interesse em assuntos brasileiros: rapidamente lhe

ensinaria a língua e êle poderia no regresso a Nigéria, tomar conta de um Centro de Estudos Brasileiros. [...] Reitor está muito interessado e creio por conseguinte que não faltarão os meios materiais⁴.

Naquele ano, Verger viajava entre África, Europa e Brasil realizando pesquisas que trariam importantes contribuições para os estudos das relações entre a Bahia e o golfo do Benin⁵. Era reconhecido com um dos poucos que se dedicava a investigar as relações entre Brasil e África. Sua contribuição foi fundamental para o desenvolvimento do intercâmbio no CEAO. Obviamente que interessado nas trocas entre a Bahia e a África ocidental, foi para lá que procurou estabelecer conexões acadêmicas. Na carta em resposta a Agostinho da Silva, se disse estar “feliz” pelo CEAO já ser uma realidade e sobre algum candidato, um nigeriano para dar aulas na Bahia, apresentava sugestão.

Pensei que o tal E. L. Lasebikam, autor de vários livros de ensino de Yoruba seria o mais indicado. Mandou-lhe já três livros dele que tenho em mãos. Não o conheço pessoalmente, vive no momento em Londres aonde é casado com uma inglesa. Parece ser um elemento de grande interesse, por ser, não somente um bom professor, porém também um intelectual de certa categoria que tomou parte relevante em congressos de escritores africanos como o que tive em Paris faz poucos anos. Ademais de suas qualidades de professor, tem sensibilidade, se interessa em poesia yoruba e parece que não é cortado das tradições antigas que tem interesse para a melhor compreensão da herança africana que a Bahia tem⁶.

Nesse momento Verger revelava quais eram as qualidades que apreciava em um professor nigeriano para ministrar o ensino de iorubá em Salvador. Mergulhado na cosmogonia religiosa dos candomblés da Bahia e nos ritos tradicionais iorubanos, era deste ponto que olhava para a história e cultura iorubana. A língua iorubá mantida nos rituais do candomblé, não deveria ser ensinada por uma pessoa que desconhecesse seus valores ancestrais. Verger pensava num intercâmbio cultural e religioso entre Nigéria e Bahia, por via acadêmica, onde o povo de santo estivesse envolvido⁷.

[...] muitos intelectuais são ocidentalizados... não sabem “o ejemplo do prestígio que as manifestações dos cultos afro-brazileiros tem na boa terra es um ponto importante das relações entre Africa e Brazil [...] Seria sumamente desagradável ter um “sábio” que so queria ficar nas altas esferas da Universidade e não ter relações com essa gente nossa que por a fidelidade e a dignidade com quem han guardado as tradições de SUS antepassados africanos han podido fazer lãs dignas de interes...⁸

Verger acreditava – e não devia ser o único – que na África muito dos valores tradicionais estavam sendo preteridos em relação aos valores europeus, e que somente através da religiosidade os valores africanos entendidos como puros seriam mantidos. Já que na Bahia essa religiosidade era vivida com grande intensidade, que os nigerianos desafricanizados aqui viessem para reencontrá-la. Esse pensamento Verger expôs numa anedota enviada de Londres ao antropólogo Vivaldo da Costa Lima, também integrante do CEAO, dois anos depois.

Hoje é domingo [um belo domingo inglês] que não se sabe o que fazer, felizmente estou esperando a visita de vários nigerianos que vou esforçar-me de reafricanizar um pouco. Já pensei em criar a ERIAD “Escola de Reafricanização para Intelectuais Africanos Desafricanizados”, com sede na Bahia e dona Senhora como Principal, e você encarregado de raspar a gente, e Jorge (da Rocha) de limpar o cocô⁹.

Enebezer Latunde Lasebikam tinha a vantagem de ter títulos universitários, publicação de livros, mas Verger questionava se ele teria o conhecimento das tradições iorubanas tão importantes para o intercâmbio. Assim, sugeriu outro candidato: Olaiya Fagmagbe, do Peter College que não tinha tantos títulos, mas tinha “interes nas tradiçoens Youruba, e conhecer las bastante, o que se encontra dificilmente por agora dentro do medio dos universitarios ja tocados demais pela ensenhança occidentalizada que han recebidos”¹⁰. Ambos responderam entusiasmadamente, ante a possibilidade de vir à Bahia. Lasebikam disse:

But, you see, Linguistic is a subject next to my heart, and, provide the conditions of service and reasonable, and there are prospects for me for the future. I will gladly consider taking up the appointment in the University of Bahia for some years at least, before finally retuning to Nigeria. I am sure to find great pleasure in teaching Youruba in Brazil¹¹.

Fagmagbe, em 30 dezembro de 1959, escreveu:

I have considered the request very carefully and I very shoud like to state that my motive for wishing to teach yorubá at your University is that I want to make use of the opportunity to popularize the Yoruba Culture which I love so much¹².

Entre o final do ano de 1959 e o início de 1960, várias correspondências foram trocadas entre Agostinho da Silva e os candidatos. Lasebikam e Fagmagbe enviaram informações sobre a trajetória acadêmica e receberam informações sobre as condições de trabalho na Bahia. Agostinho, dividido entre os candidatos, pensava na possibilidade de trazer os dois, apenas em momentos diferentes: “inclina-se o reitor para o Lasebikan e inclinam-se outros amigos para o Fagmagbe. A minha ideia que haveria de fazer as duas coisas, vindo sucessivamente a Bahia um e outro”¹³. No início do ano seguinte reiterava sua inquietação ante a demora na resolução do professor: “gostaríamos bem de que o curso se iniciasse o mais depressa possível já que os outros nossos cursos, bem menos importantes para a Bahia já vão em bom andamento”¹⁴. Lasebikam, após concordar com as condições de trabalho, foi escolhido para vir, cuja resposta positiva mandou em 01 de abril¹⁵. Já recebia aulas de português arriscando-se a escrever duas frases na nova língua a Agostinho¹⁶. O curso, porém, não começaria de imediato. O professor escolhido precisou remarcar as datas. Não poderia vir em maio por conta de exames a serem realizados em Londres. Sairia de navio em 08 de julho e chegaria no dia 21 do mesmo mês¹⁷. Certamente a inserção e titulação acadêmica de Lasebikam pesaram para sua vinda ao Brasil. O CEAO, em fase de instalação e sofrendo pressões por conta da oposição de setores dentro da Universidade, precisava legitimar-se academicamente e, para isso, os títulos se faziam importantes.

Essa ação marcou a Universidade da Bahia. Primeiro, pelo fato do professor ser um africano e por outro, porque seu curso foi disponibilizado a pessoas sem escolaridade, notadamente o povo-de-santo que, pela primeira vez na história da instituição, abria suas portas a população majoritariamente negra. Os terreiros estavam articulados com essa atividade e o aguardavam ansiosos. Em 02 de abril de 1960, Jorge Manuel, da Federação do Culto Afro-Brasileiro, informava ao CEAO ter sido comunicado sobre o plano de intercâmbio Brasil-África e apoiava o curso de Lasebikam “cuja iniciativa essa Federação manifesta de logo seu apoio e propõe fazer sentir aos filiados dessa Federação a necessidade imprescindível do seu comparecimento para o aperfeiçoamento do idioma dos nossos antepassados”. Enviava a lista dos terreiros que faziam parte da Federação e solicitava ser informado da chegada do professor nigeriano com antecedência¹⁸. Chateado por não ter recebido tal informação – a data da chegada do professor para homenageá-lo com uma recepção – o senhor Jorge Rocha, da Federação do Culto Afro-Brasileiro, reclamou a Agostinho da Silva, que, por sua vez, pediu explicações a Vivaldo da Costa Lima, responsável pela recepção do professor.

Este, escrevendo num tom ácido, dizia não entender “porque o presidente da Federação devesse estar incluído naquele grupo”, revelando certamente uma divergência com o mesmo. “Deixo de repetir, aqui, a minha opinião pessoal sobre o referido cidadão e suas atividades junto às Casas de Santo da Bahia”, e solicitava que Agostinho da Silva respondesse tal “indiscrição e impertinência”¹⁹

O professor Waldir Freitas Oliveira, integrado a equipe do CEAO como responsável pelo setor de cursos e intercâmbio, deixa entrever o impacto que as aulas de iorubá causaram na Universidade da Bahia, na comunidade de candomblé e nele próprio. Sua relativa distância do candomblé não o fez compreender o significado que a língua assumia para a identidade do povo de santo. O curso era resultado de uma articulação que incluía os terreiros, notoriamente os mais tradicionais que mantinham grande interlocução com intelectuais. Enxergou a iniciativa apenas como uma forma de prestígio, o que também acontecia.

Aliás, antes dele ir (Agostinho da Silva) ele trouxe para Bahia um professor de língua iorubá, Ebenezer Latunde Lasebikan, que foi quem começou o curso de iorubá aqui na Bahia. E, logo depois do Lasebikan ter chegado já o Agostinho tinha ido embora e eu continuei o curso. E continuei o curso tendo uma surpresa porque no curso de iorubá, só se matricularam... Quando eu fui ver quem eram as pessoas que se matriculavam, não tinha nenhum estudante de letras, não tinha nenhum acadêmico, só tinha gente do candomblé que estava querendo aprender o iorubá para transformar o conhecimento da língua iorubá num canal de ascensão dentro do grupo de candomblé. Essa situação, inclusive, me fez ouvir uma coisa que a princípio eu me aborreci, mas depois eu concordei, do René Ribeiro, que era aquele antropólogo pernambucano. Uma vez a gente se encontrou no Rio de Janeiro, numa dessas reuniões do Itamarati referentes à relação Brasil e África, e disse: “como vai sua escola de pais-de-santos?” Me aborreci, mas, depois voltei para Bahia e compreendi que na realidade o curso de iorubá dado por Lasebikan era uma espécie de fortalecimento das casas de candomblé e não uma tentativa de compreensão da cultura africana. Porque o importante, a meu ver, naquela ocasião era, quando por exemplo, nós começamos os cursos [...] nós começamos a ensinar, sem exigir de quem se matriculasse qualquer tipo comprovação de instrução. Bastava saber ler e escrever, que podia se matricular no curso (Oliveira, 2004b).

As cobranças em torno da existência do curso de iorubá frequentado pelo povo de candomblé na Universidade incomodavam ao professor Waldir Oliveira, ao ponto de afirmar, em outro depoimento que, após a citada fala maliciosa do Ribeiro, estudou “uma maneira de acabar com aquele curso” (Oliveira, 2004a). Para Lasebikan a experiência foi deveras marcante. Estudioso da língua, com livros publicados sobre o

assunto, o impacto foi grande em trabalhar com um grupo que não estava interessado nas alterações que a língua sofreu, na maneira mais adequada de pronunciar as palavras ou suas regras gramaticais.

Brazilian Culture appears to me as a Culture of Cultures, constantly being further enriched by the development of the various aspects of the ethnic groups that go to make the Brazilian nation. The systematic study of African languages and cultures has only just started, and is bound to increase and development as time goes on. (...) What a further enrichment will be made of a Culture of Cultures! (Lasebikam, 1963, p. 79)²⁰.

Ao povo de santo interessava conhecer o significado daquela língua do jeito que se cantava nos terreiros e entender seu significado. Era a língua ritual, entoada nas músicas sagradas dos candomblés, não poderia ser simplesmente mudada a partir de novas regras. A língua, a semelhança do argumento em torno da comunidade de língua portuguesa, aparecia como elemento identitário poderoso na afirmação do povo de santo. O cuidado com que Mestre Didi, integrante de uma das primeiras turmas do curso registrou cada lição, denota isso (Santos, 1988). Algumas notas jornalísticas evidenciavam a relação entre o curso de iorubá promovido no CEAO e o povo de santo de Salvador reforçando a ideia de uma permanência cultural entre certas regiões da África – a citar sua parte ocidental - e a Bahia, embasando o argumento do nagocentrismo tão marcante na história do CEAO.

..HOMENAGEADO: O professor nigeriano Ebenezer Latunde Lasebikan foi homenageado pelos alunos da 3.a serie do curso de yorubá, do Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade da Bahia. A solenidade, que se realizou no sábado, foi bastante concorrida, tendo o concurso das casas de culto afro-brasileiras. Engenho Velho, Gantois e Alaketu. Pre-



Fotografia e recorte do Jornal da Bahia, em 12 de dezembro de 1963. Acervo do CEAO

¹¹Luiza Nascimento dos Reis; Professora Assistente/Visitante da Universidade Estadual de Santa Cruz, Graduada em História UESC/ Mestre e Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA); Pesquisa realizada com apoio da FAPESB; luizanr@hotmail.com

² Nome da Universidade à época. Atualmente Universidade Federal da Bahia.

³ Ver Maria de Fátima Maia Ribeiro. *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros: relações culturais, identidade e alteridade*. Tese (Doutorado em Comunicação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999.

⁴ Carta de Agostinho da Silva a Pierre Verger em 16 de setembro de 1959. A carta não possui data. Essa dedução é resultante da resposta de Verger a Silva, em 12 de outubro de 1959, onde diz que recebeu uma carta oficial postada no dia 15 e uma carta informal, “amistosa” do dia 16 de setembro.

⁵ No Brasil os resultados dessas pesquisas foram publicadas no livro Pierre Verger. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII ao XIX*. São Paulo, Corrupio, 1987.

⁶ Carta enviada por Pierre Verger a Agostinho da Silva em 16 de outubro de 1959.

⁷ Agostinho inicialmente havia pensado, para o curso de iorubá, em alunos como “boa preparação filológica” enviados por Nelson Rossi do Instituto de Fonética da UFBA. Carta de Agostinho da Silva a Verger em 16 de setembro de 1959.

⁸ Carta enviada por Pierre Verger a Agostinho da Silva em 16 de outubro de 1959.

⁹ Carta de Verger a Costa Lima, em 10 março de 1961. *Afro-Ásia*, 37, p. 248-9

¹⁰ Carta de Pierre Verger a Agostinho da Silva em 25 de outubro de 1959.

¹¹ “Mas, veja você, a linguística é um tema de minha predileção, e sendo fornecidas condições viáveis e razoáveis, e há perspectivas para mim para o futuro. Considerarei com alegria assumir o posto na Universidade Federal da Bahia por alguns anos, pelo menos, antes de finalmente voltar à Nigéria. Estou certo de que encontrarei grande prazer em ensinar iorubá no Brasil.” Citação de Lasebikan retirada da Carta de Pierre Verger a Agostinho da Silva em 29 outubro de 1959. Tradução livre.

¹² “Considerarei o pedido muito cuidadosamente, e eu gostaria verdadeiramente de expressar que meu motivo de desejar ensinar iorubá em sua universidade é que quero utilizar essa oportunidade para popularizar a cultura iorubá que amo tanto”. Carta de Fagmagbe a Agostinho da Silva em 30 de dezembro de 1959. Manuscrita.

¹³ Carta de Silva a Verger em 17 de novembro de 1959.

¹⁴ Carta de Silva a Verger em 14 de janeiro de 1960. Agostinho da Silva, mais interessado no intercâmbio com países do continente africano, referia-se ao curso de hebraico iniciado em 09 de novembro de 1959, como informava a Associação dos Israelitas na Bahia em 26 de outubro de 1959.

¹⁵ Carta de Lasebikam a Silva em 01 de abril de 1960.

¹⁶ Carta de Lasebikam a Silva em 15 março de 1960.

¹⁷ Carta de Lasebikam a Silva em 04 abril de 1960.

¹⁸ Carta de Jorge Manuel a Silva em 02 de abril de 1960.

¹⁹ Carta de Vivaldo da Costa Lima a Agostinho da Silva em 08 de setembro de 1960.

²⁰ *“A cultura brasileira parece-me uma cultura de culturas, constantemente sendo enriquecida pelo desenvolvimento dos vários aspectos dos grupos étnicos que vêm a formar a nação brasileira. O estudo sistemático das línguas e culturas africanas apenas começou, e está destinado a aumentar e a desenvolver-se com o passar do tempo. (...) Quanto enriquecimento resultará para uma cultura de culturas!”* Tradução livre.